

Risco amazônico

As causas são muitas: incluem o avanço da fronteira agrícola, especificamente para o plantio de soja e arroz, a expansão da pecuária, as queimadas, a atividade de madeireiras ilegais e até assentamentos realizados na região pelo Incra. Mas o resultado é um só: o alarmante ritmo de crescimento da devastação da Amazônia, que bateu todos os recordes no período entre agosto de 2001 e agosto de 2002, de acordo com projeções do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

A floresta perdeu 25 mil quilômetros quadrados, uma área superior a todo o estado de Sergipe, contra os 18 mil quilômetros dos 12 meses anteriores.

São informações particularmente desoladoras porque, ainda no ano passado, a revista "Science" trazia a boa surpresa de previsões de queda da taxa de desflorestamento, devido a mudanças na regulamentação do uso da terra, ao que seria um bem-sucedido combate às queimadas e ao programa de reintegração de terras griladas. É verdade que todo esse aparente sucesso não seria mais do que uma diminuição na velocidade com que crescia a devastação, mas de

qualquer forma, pelo ineditismo, era uma notícia muito bem-vinda. Mas agora se constata que, ao contrário, o processo sofreu grande aceleração — a tal ponto que no Pará e no Maranhão há ameaça de extinção em massa de espécies de plantas e animais.

É inviável imaginar uma Amazônia intocada, nem é esse o objetivo que se deve buscar. Porque se o poder público se ausentar, o vácuo deixado inevitavelmente acabará sendo ocupado, provavelmente da pior maneira; e de pouco valerão os recursos da região se não puderem ser explorados de alguma forma.

A chave é a exploração sustentada, que requer preservação, reciclagem e reflorestamento, depois de detida a destruição. É um desafio monumental, uma tarefa que não pode se restringir ao âmbito do Ministério do Meio Ambiente, e sim exige um trabalho integrado de todo o governo — e a participação da sociedade, por meio de organizações não governamentais e de toda instituição que tenha alguma contribuição a dar.

Os resultados, é certo, só virão a longo prazo; mas isso apenas acentua a urgência da iniciativa.

**A devastação
da Amazônia
está crescendo
a um ritmo
alarmante**
